

***A Boa Alma*, de Bertolt Brecht, pelo TUT – Teatro da Universidade de Lisboa**

“(…)

E, contudo, sabemos
que também o ódio contra a baixeza
endurece a voz. Ah, os que quisemos
preparar terreno para a bondade
não pudemos ser bons.
Vós, porém, quando chegar o momento
em que o homem seja bom para o homem,
lembrai-vos de nós
com indulgência.”

(“Aos que vierem depois de nós”, de Bertolt Brecht; tradução de Manuel Bandeira)

As teorias e a prática de Brecht representaram uma mudança radical na forma de pensar o teatro e naquilo que este pode alcançar. A dramatização da dialética, o focus na diferença e nas contradições humanas, o novo vocabulário que ele desenvolveu e aplicou, oferecem um terreno fértil para a prática teatral, nomeadamente universitária, estimulando a imersão e a observação da realidade, integrando as dimensões técnica, estética e ética no processo criativo e de análise crítica, e explicitando a função e as responsabilidades sociais da arte.

Liberto com o tempo de visões reducionistas e exclusivamente partidárias, Brecht revela-se como um autor escandalosamente contemporâneo, cuja obra deve ser revisitada e redimida, para melhor compreendermos a história, o nosso presente, e podermos legar um futuro verdadeiramente sustentável em todas as dimensões “aos que vierem depois de nós”.

Júlio Martín da Fonseca

Excertos do texto de *A Boa Alma*:

Canção da importância dos deuses e dos homens

Na nossa terra
Quem quer ser útil precisa de sorte.
Só quando encontra uma ajuda forte
Consegue mostrar que é mesmo útil.
Os bons
Não se sabem defender
E os deuses,
Os deuses não têm poder.
Porque não têm os deuses
Tanques e canhões,

Couraçados, minas, aviões
Para abater os maus e defender os bons? Seria melhor o nosso estado,
O nosso e o dos deuses, é claro...

Na nossa terra, quem é mesmo bom
Não consegue ser bom por muito tempo.
Quando nos pratos não se vê comida
As pessoas arranjam logo briga.
Os mandamentos dos deuses nada podem
-Ai de nós!-contra a miséria.
Porque não vão os deuses aos mercados
Distribuir, sorrindo, a abundância
E deixar que convivam como amigos
Os que comeram pão, beberam vinho?

P'ra conseguir um almoço
É preciso a dureza dos fundadores de impérios.
Ninguém ajuda um miserável
Sem, primeiro, aniquilar doze!
Porque não dizem os deuses, lá de cima,
Que devem aos bons o mundo que é bom?
Porque não ajudam os bons com tanques e canhões
E não comandam: Fogo! Sem contemplações?

(...)
Não deixar a ninguém que sofra, nem sequer a si mesmo,
Tornar toda a gente feliz, e a si mesmo também,
É ser-se bom!

Um diálogo dos deuses

Primeiro Deus: Que mundo este encontrámos! Por toda a parte miséria, baixa e traição. Até a paisagem nos desiludiu. As lindas árvores foram decapitadas pelos fios metálicos, e do outro lado da montanha vemos espessas nuvens de fumo e ouvimos trovejar os canhões, e em parte alguma vemos uma só alma que consiga manter-se boa!

Terceiro Deus: Ai! Para conseguirem sobreviver, já as pessoas têm canseiras a mais. As boas intenções levam-nas à beira do abismo; as boas acções fazem com que nele se precipitem. (Para os outros dois deuses) O mundo não é habitável, tendes de concordar!

Primeiro Deus: (violentamente) Não! Não é isso! Os homens é que não prestam!

Terceiro Deus: Porque o mundo é demasiado frio!

Segundo Deus: Porque os homens são demasiado fracos!

Primeiro Deus: Dignidade, meus amigos, dignidade! Não devemos desesperar, irmãos! Sempre encontrámos uma boa alma e que não deixou de o ser. Apressemos-nos para tornar a encontrá-la. Uma só, basta. Não costumávamos nós dizer que tudo se resolveria se deparássemos com uma pessoa capaz de suportar este mundo, uma só que fosse?

Final

Vossa ordem de outrora:
Ser boa e viver apesar disso
partiu-me em duas metades como um raio.
Sei lá como isso aconteceu: não conseguia
Ser boa para os outros e ao mesmo tempo para mim.
Ajudar os outros e ajudar-me
Era duro de mais.
Ah! Que complicado é o vosso mundo!
Miséria de sobra, desespero de sobra!
A mão que se estende ao miserável
Logo ele a arranca! Quem ajuda os perdidos
Está perdido também! Pois quem será capaz
De negar-se a ser mau, se os que não comem carne
Morrem de certeza?
Donde havia eu de tirar
Tudo o que lhes faltava? Só de mim?
Mas então morreria!
O peso das boas intenções
Deixava-me de rastos, esmagada.
Mas quando eu fazia mal
Tornava-me poderosa e comia carne boa!
Alguma coisa deve estar errada
Nesse mundo que é o vosso. Porque será
Que a maldade é premiada e os bons
São duramente castigados? Ai havia em mim
Um tal desejo de fazer bem! E havia em mim também
Uma secreta sabedoria, pois minha ama
Lavava-me na água das valetas!
Isso deu-me olhos de lince. Mas a piedade
Causava-me tamanha dor, que eu mudava-me,
Frente à miséria, em loba furiosa.
Sentia que me transformava,
Que os meus lábios se tornavam beiços.
Como cinza na boca era a palavra bondosa. E no entanto
Gostava de ser o anjo dos subúrbios. Dar
Era um prazer tão grande para mim! Rosto feliz
Que eu visse, logo nas nuvens me sentia.

Condenem-me: tudo o que fiz
Foi para ajudar os meus vizinhos,
Para amar o meu amor e
Para salvar o meu filho da miséria.
Comparada aos vossos planos grandiosos
Ó deuses
Eu, pobre criatura, que pequena era!

Epílogo

Estimado público, agora nada de desgosto:
Bem sabemos que um desfecho assim não é composto.
Pensámos na legenda dourada e afinal
Entre as nossas mãos tudo acabou mal.
Também nós vemos, o que ninguém gosta,
Cair o pano e as perguntas ficarem sem resposta.
A verdade é que dependemos dos senhores,
Ou vieram aqui pra esquecer dissabores.
Infelizmente não o podemos esconder:
É a falência se ninguém nos vier ver.
Talvez que de medo não nos lembrasse nada.
Às vezes acontece. Qual a solução adequada?
Nem a troco de dinheiro a encontramos.
É doutros homens que precisamos?
Ou será doutro mundo?
Talvez doutros deuses? Ou será de nenhum?
Estamos desesperados e não é a brincar.
Mas há uma saída pra este mal-estar:
Pensem os senhores, p'la vossa cabeça,
No melhor desenlace para esta peça,
Num feliz desfecho para a boa alma.
Estimado público, vá, que final deve ter?
Há-de haver um que é bom, há-de haver, há-de haver!